



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

O BISPO NO “INFERNO”
Os desdobramentos de um crime e uma excomunhão em
Alagoinha - PE.

Maíra Barbosa de Andrade

RA: 2051325/5

Brasília, 2009.

MAÍRA BARBOSA DE ANDRADE

**O BISPO NO “INFERNO”
Os desdobramentos de um crime e uma excomunhão em
Alagoinha - PE.**

Trabalho apresentado à Faculdade de
Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas,
como requisito parcial para a obtenção ao
grau de Bacharel em jornalismo no Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 2009.

MAÍRA BARBOSA DE ANDRADE

**O BISPO NO “INFERNO”
Os desdobramentos de um crime e uma excomunhão em
Alagoinha - PE.**

Trabalho apresentado à Faculdade de
Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas,
como requisito parcial para a obtenção ao
grau de Bacharel em jornalismo no Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 15 junho de 2009.

Banca Examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Examinador

Examinador

*Aos meus pais, Márcio e Yara, pelo apoio
e paciência.*

Ao Clayton, namorado e incentivador.

*Ao meu estimadíssimo orientador Luiz
Cláudio, pela enorme dedicação, sinta-se
parte desta conquista.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por nunca me deixar perder a força, aos meus pais pelo apoio e por sempre acreditarem que eu ia conseguir, ao meu paciente namorado por entender o mau-humor constante e a diária falta de atenção e ao meu professor, orientador e mais do que isso, amigo, Luiz Cláudio pelo aprendizado transmitido durante todos esses anos. Esta conquista acadêmica leva o carinho de todos vocês.

RESUMO

ANDRADE, Maíra Barbosa de. **O bispo no “inferno”**: Os desdobramentos de um crime e uma excomunhão em Alagoinha – PE.

Este trabalho é resultado de algumas reflexões acerca de mídia e religião, particularmente sobre a “demonização” do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, nos telejornais da Rede Globo, que priorizou os aspectos considerados de maior impacto junto aos telespectadores. No caso, uma declaração de excomunhão em detrimento de um episódio de estupro. Esse estudo é feito juntamente com a relação entre conceitos de teorias do jornalismo como o agendamento de notícias e as funções do *gatekeeper* ou porteiro, em inglês. O trabalho convida os interessados neste tema para algumas reflexões e um posterior aprofundamento sobre os métodos para divulgação de notícias, principalmente quando se trata de noticiar aspectos polêmicos desta ou daquela religião.

Palavras-chave: Mídia, religião, estupro, *gatekeeper*, agenda *setting*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	O método	10
2	O “PORTEIRO” QUE DEIXOU SÓ O BISPO PASSAR	12
3	COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO	16
4	TELEJORNAIS DA REDE GLOBO	18
5	AS FONTES NOS TELEJORNAIS E O BISPO COMO PROTAGONISTA	20
5.1	Jornal Nacional	20
5.2	Jornal Nacional	21
5.3	Jornal Nacional	21
5.4	Bom dia Brasil	21
5.5	Jornal da Globo	22
6	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1 INTRODUÇÃO

Religião, estupro e pedofilia. Temas unidos em uma mesma história que atiçaram a imprensa brasileira. Um arcebispo sempre pronto para uma entrevista diminuiu o interesse dos jornalistas para o âmbito policial, da tragédia social de um crime hediondo, e fez a sociedade debater questões eclesiais e a excomunhão. Os fatos, embora delicados, serviram como motivação para um estudo de caso a respeito da veiculação de um caso ocorrido em 2009 e que tanta atenção chamou, que por dias invadiu casas através dos telejornais da maior emissora do país, a Rede Globo de televisão.

Embora o objetivo não seja enveredar por assuntos religiosos, o código canônico, a legalização do aborto, tão pouco discutir penalidades e aspectos do direito penal sobre o crime abordado neste trabalho, a proposta aqui é observar um fenômeno da comunicação e torná-lo inteligível para quem se interessar pelos “mistérios” da comunicação de massa. Por que, afinal, a imprensa preferiu discutir religião a abordar a gravidade de um crime?

A história - Alagoínia, interior do estado de Pernambuco, ano de 2009. O que se têm notícia e relatos, segundo a Polícia Civil do Estado, é que uma criança de nove anos, desde 2007, era estuprada pelo padrasto de 23 que também abusava da irmã mais velha da menina, 14 anos, que sofre de doença mental. A criança mais nova engravidou de gêmeos em decorrência dos seguintes estupros e, amparada pela Constituição brasileira, como vítima de estupro e correndo risco de vida, a menor, sob a responsabilidade da mãe, realizou o aborto.

O caso da menina estuprada pelo padrasto ganhou as páginas e telas dos maiores jornais nacionais não pelo fato em si, que, segundo pré-apuração para essa pesquisa teve espaço bem menor que o destaque que os veículos de comunicação optaram por dar para as declarações do arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho.

Na ocasião do ocorrido, em março de 2009, o arcebispo declarou que a mãe da menina e os médicos que realizaram o aborto estariam “excomungados” da Igreja

Católica baseado no Código de direito Canônico, promulgado no ano de 1983 pelo então papa João Paulo II. Inúmeras manifestações foram observadas nas mais diferentes formas em todo o país e até no mundo. O presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, concedeu entrevista sobre o caso, repudiando a atitude do bispo, e até um próximo colaborador do papa Bento XVI deu declarações comentando o caso e se posicionando contra o arcebispo, promovendo um racha na igreja. O circo estava formado com cenário de templo. A polêmica passaria a abastecer os veículos de comunicação. A criança de nove anos, vítima da tragédia, quase esquecida.

O que move o estudo é analisar o fato descrito como demonstrativo de um fenômeno da comunicação no qual o foco principal da notícia (no caso, o estupro de uma criança pelo padrasto) pode ter sido desviado de notícia principal em função de uma possível exploração de desdobramentos secundários, mas que causariam maior destaque no noticiário (no caso, as declarações de dom José Cardoso Sobrinho).

O arcebispo de Olinda e Recife é sequencialmente convidado a dar declarações acerca de assuntos polêmicos referentes à posição da Igreja Católica. Ele pronuncia-se, com o mesmo choque de polêmica entre dogmas e o senso comum da sociedade, sobre outros temas como a utilização de preservativos.

Sua postura declaradamente conservadora torna-se um convite para a polêmica. Qual a relevância para o público de um estado laico como o Brasil, saber das opiniões do bispo? É fato que o Brasil é um país de maioria católica, mas seria mesmo necessário deixar que o bispo coloque a boca no microfone durante quatro ou cinco dias para excomungar as pessoas envolvidas no aborto de Alagoinha? Ou a instituição Igreja se faz tão presente no país que nada mais relevante que pedir uma autoridade eclesiástica para se posicionar diante de um crime tão estarrecedor? Essas são algumas inquietações que direcionam esse estudo.

O presente estudo faz-se necessário quando partimos da premissa de que considerável parcela da população desconheça os métodos que as grandes emissoras podem utilizar para tornar grandioso o que seria notícia apenas pelo fato em si e esclarecer por quais motivos esses métodos são empregados na divulgação

dos acontecimentos. O profissional de jornalismo tem responsabilidade integral na apuração dos fatos e na posterior divulgação dos mesmos.

A interação segura entre o profissional e a notícia é essencial para que a informação seja veiculada de forma verdadeira, sem sensacionalismo e com maior idoneidade possível. O autor José Ortego Costalles (apud MEDINA, 2005, p. 69), nascido em Pamplona, na Espanha define o papel do repórter na disseminação da notícia:

A missão do repórter é captar a realidade com a maior amplitude e precisão possíveis e narrá-la com fidelidade, de tal forma que o leitor receba a mais cabal informação sobre o fato. O papel da comunicabilidade é despojar a realidade multiforme de dados acessórios e representá-la de forma simples e inteligível.

Objeto deste estudo também é esclarecer os desdobramentos e significados da teoria do agendamento ou, do original em inglês, *agenda setting theory*. No capítulo de abordagem deste assunto, o estudo traz referências a Walter Lippmann, Maxwell McCombs e Donald Shaw e o pensamento de estudiosos acerca de outra teoria, *gatekeeper*, ou seja, a mídia pautar os assuntos que ela pretende relevar em detrimento de outros que ela pretende ofuscar ou ignorar.

1.1 O método

O procedimento adotado que mais se adequou à proposta de análise aqui apresentada é o estudo de caso.

Segundo Antonio Carlos Gil (2007), o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais e que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...].

A necessidade de estudar fatos abordados pela mídia cuja análise pode detectar e expor o sensacionalismo em questões de grande comoção nacional é válido para o aprofundamento da questão. O estudo de caso como modalidade metodológica é apropriado para o objeto estudado por proporcionar o conhecimento

preciso das situações apresentadas e identificar fatores de causa e consequência do tema proposto.

Desta forma, o levantamento das informações foi conduzido por pesquisa bibliográfica de autores que abordam as teorias do jornalismo na divulgação dos fatos e aqueles que estudam a notícia como mercadoria à venda aos leitores e telespectadores. Além da pesquisa documental, a proposta desta análise é realizar um estudo do fato apresentado, checando cada uma das reportagens nos principais telejornais da Rede Globo. A pesquisa será realizada observando a minutagem das reportagens veiculadas no período de 05 a 07/03/2009, sendo três reportagens do Jornal Nacional, uma do Bom Dia Brasil e uma última do Jornal da Globo, assim como o tempo destinado a cada uma das fontes ouvidas nas matérias.

Outro aspecto usado para comprovar o objetivo é o contraponto que este estudo faz utilizando outro meio de comunicação em que o bispo de Olinda e Recife foi personagem. Observaremos a entrevista por ele concedida à revista semanal *Veja* e destacaremos alguns pontos importantes.

Com isso, objetivamos expor os recursos possivelmente utilizados para que uma repercussão grandiosa fosse produzida. A realização do procedimento nos termos apresentados permite visão abrangente do tema e análise crítica.

O objetivo dessa pesquisa é o aprofundamento nas teorias do jornalismo além de uma análise gráfica contemplando de que maneira a Rede Globo de televisão noticiou os acontecimentos acima referidos e qual foi o método predominante usado nas reportagens para favorecer uma ou outra declaração, além de uma reflexão sobre os fatos noticiosos como produtos à venda no mercado de idéias, assim como a maneira que o agendamento de notícias e a seleção do *gatekeeper* estão inseridos neste contexto.

2 O “PORTEIRO” QUE DEIXOU SÓ O BISPO PASSAR

Para buscar entender como pode ter ocorrido à dinâmica da priorização do assunto religioso e a polêmica em relação à excomunhão, em detrimento de uma cobertura voltada para as causas e consequências do estupro, esta pesquisa visitou conceitos a respeito de *gatekeeper* e agenda *setting*, teorias do jornalismo, segundo autores como Nelson Traquina, Mauro Wolf e Felipe Pena.

O profissional de jornalismo é quem determina o que deve ou não ser veiculado, aquilo que será notícia. O processo de produção da informação, então, é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por *gates* (portões), em inglês, que são os instantes de decisão em relação às quais o profissional de reportagem e edição, o *gatekeeper*, tem que optar se vai escolher essa notícia ou não. (TRAQUINA: 2004, p. 151).

Gatekeeper, em inglês, tem o significado de porteiro. O jornalista é quem julga e seleciona notícias. Está sob a decisão dele o que vai ser veiculado em um órgão de comunicação. É tarefa do jornalista definir o enfoque da notícia. Muito desse processo pode ser feito de preferências subjetivas.

Segundo teoria de David White, (apud TRAQUINA, 1993) o jornalista faz o bloqueio das informações. Ele realizou um estudo de caso e o resultado foi que das 1.333 justificativas para a não-publicação de uma notícia, para cerca de 800 era alegado falta de espaço, 300 uma sobreposição de pautas já selecionadas, má escrita ou falta de interesse para o jornal. Para outras cem, a justificativa era a demasiada distância das áreas do jornal.

O estudo metodológico de White (apud TRAQUINA, 1993) o levou a concluir que seu personagem de estudo, Mr. Gates, tomou suas decisões arbitrariamente e baseado em juízo de valor além de uma grande contribuição do fator tempo.

A observância da função do *gatekeeper* pode fazer parecer que os critérios para a seleção das notícias que posteriormente serão publicadas obedecem a um

critério subjetivo do profissional que está nessa função. Entretanto, Nelson Traquina ressalta que “outros estudos põem em causa as conclusões de White. Os estudos de McCombs e Shaw (1976) e Hirsch (1977) reanalisaram os dados de White e apontaram a semelhança das proporções de notícias das diversas categorias utilizadas pelo serviço das agências e as notícias selecionadas por “Mr. Gates”. Hirsch concluiu que o jornalista exerceu a sua liberdade dentro de uma latitude limitada e que a grande maioria das razões apresentadas por “Mr. Gates” refletiu o peso de normas profissionais e não razões subjetivas” (TRAQUINA: 2005, p. 151).

O editor de um produto impresso é alguém que possui preferências morais, religiosas, sociais, políticas e esportivas, que constituem sua ideologia, além das próprias determinações do veículo de comunicação. “O repertório vem a ser, portanto, toda uma rede de referências, valores e conhecimentos históricos, afetivos, culturais, religiosos, profissionais, científicos e também comerciais” (BLIKSTEIN, 1997, p. 49).

Desse modo, jornalistas e veículos têm enfoques diferentes sobre determinados temas. Após a seleção da abordagem que irá ser trabalhada até se tornar notícia, cabe também ao *gatekeeper* a definição. Uma determinada informação pode ser preferida em detrimento de outra, por exemplo, aliás, o que é premissa dessa pesquisa, que o estupro da menina em Pernambuco foi colocado em segundo plano em relação ao assunto da excomunhão anunciada pelo arcebispo de Olinda e Recife.

Nem sempre a informação escrita apresenta-se de forma suave nos meios de comunicação; horror, impacto e polêmicas podem aparecer em veículos. O processo de edição da notícia é, pois, imbuído de escolhas editoriais, caracterizadas pelos gostos e preferências do *gatekeeper*.

Uma vez que é obrigação desse profissional tornar a notícia mais interessante a ponto de despertar a curiosidade do leitor, ele o faz de modo “subjetivo e arbitrário” Com o desenvolvimento de pesquisas posteriores, Wolf afirma que “as normas ocupacionais, profissionais e organizativas parecem ser mais fortes que as preferências pessoais” (TRAQUINA, 2004, p.114).

De outra forma, o fenômeno do agendamento ou agenda *setting* teve seu início na década de 1970, mas Walter Lippman, em 1922, lançou o livro *Public Opinion* em que faz referência a uma relação entre a agenda pública e o agendamento da mídia. Essa relação consiste em uma maior disposição da mídia para veicular o que o público falará ou discutirá. Felipe Pena, jornalista e professor da Universidade Federal Fluminense explica que estudos baseados nessa teoria referem-se à confluência entre a agenda midiática e a agenda pública. “O que vale é o significado daquilo a que as pessoas estão expostas e, também, o impacto acumulativo dessa exposição, cuja frequência continuada e cotidiana influencia na cognição” (PENA: 2005, p. 144).

Cognição e aprendizado que na opinião do autor são severamente influenciados quando o veículo é a televisão.

Um veículo como a televisão, por exemplo, certamente muda nossas formas de aprendizado, pois passamos a nos acostumar com a velocidade das edições e a telegrafia da linguagem. Reflexões profundas e demoradas tornam-se mais difíceis para as gerações que crescem em frente aos aparelhos de TV. O tempo da cognição é outro (PENA: 2005, p. 144).

Entretanto, outra corrente de teóricos e nesta se inclui Mauro Wolf, com seu livro *Teorias da comunicação* de 1999, acredita ser a televisão o meio de comunicação menos danoso em se tratando da hipótese da agenda *setting*, principalmente por seu caráter veloz e fragmentado.

É importante considerar que a hipótese da teoria do agendamento não defende que a imprensa deva persuadir seu público. A influência nos assuntos a que o público se refere vem da estrutura organizacional das empresas e os critérios de noticiabilidade que estas adotam. Nas palavras de Wolf, “as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que o mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” (WOLF: 2004, p. 144).

As ações da mídia observadas no conjunto da realidade podem formar a cultura e agir sobre ela. Para Noelle Neumann, (apud PENA, 2004, p.144), essa ação tem três características básicas.

A primeira seria a da acumulação, que seria a capacidade da mídia para criar e manter a relevância de um tema. A segunda é a da consonância, que parte do pressuposto que as semelhanças nos processos produtivos de informação tendem a ser mais significativas do que as diferenças. E a última é a onipresença, que se baseia no fato de que a mídia deva estar em todos os lugares com o consentimento do público, que conhece sua influência.

Todas essas características apontam para uma relativização dos pressupostos originais da teoria do agendamento [...] Elas continuam confirmando o efeito da agenda, mas não de uma forma tão determinista [...] Além disso, se o paradigma recente é o do acúmulo, é preciso um longo espaço de tempo para fazer uma avaliação lúcida sobre a influência da imprensa no modo de hierarquizar os acontecimentos importantes e agendar nossos assuntos e concepções sobre eles (PENA: 2005, p. 145).

Para Wolf (1999) segundo a hipótese do agendamento, os veículos são capazes de impor o que pensar em relação a um determinado tema, influenciar sobre o que pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. “Ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser agendados pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações”. No caso em estudo, trabalha-se com a hipótese de ter havido agendamento com relação ao assunto religioso em detrimento do crime.

3 COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO

A linguagem e a comunicação são importantes ferramentas para integrar as pessoas. Segundo Mattos (1999), comunicar é o ato de produzir e receber mensagens por meio de linguagem ou conjunto de palavras que a pessoa produz ou recebe.

Segundo Manuel Maria Carrilo (1994, p. 123):

A linguagem pode ser entendida mediante a lógica de um jogo em que quem participa está enredado num quadro que lhe possibilita jogar; sem o conhecimento, a compreensão e o domínio das regras em causa, não se é, efetivamente, parceiro no jogo. Qualquer questão relativa ao jogo está centrada no campo da definição das regras, das lógicas, das racionalidades, que possibilitam ser parceiro, entrar no jogo.

A construção do noticiário passa muitas vezes por deixar claro os objetos expostos na mensagem. No tema abordado, a fala do bispo se torna o principal foco da comunicação expressada pela Rede Globo.

Comunicar é, então, a validação de um sistema de regras, de códigos, que têm como estrutura basilar da sua funcionalidade a capacidade de individualizar os elementos a que o discurso faz apelo. Isto é, comunicar é tornar perceptíveis os objetos, de qualidades várias, expostos na mensagem, mediante uma elaboração mental prévia que só existe com esse fim (DAMASIO: 1995; p. 178).

O espectador que absorve a notícia sem ter conhecimento de suas vertentes ocultas ou visíveis, pode ficar a mercê do noticiário que é “produzido”.

O estudo de caso em tela apurou que o portal g1 (www.globo.com), de propriedade das organizações Globo, não deixou de comunicar o crime de estupro de Alagoinha. Entretanto, a história ganhou pouco espaço no portal, mais especificamente dois dias de repercussão em 27/02/2009 e 01/03/2009. Depois disso, a linguagem usada foi a da polêmica, a declaração de excomunhão do bispo ocupou inúmeras vezes a página principal do portal de notícias com matérias longas, com uma média de 30 linhas. Os leitores e telespectadores que obtiveram a

comunicação do fato feita pela Rede Globo não tiveram acesso às conseqüências do crime ou as especificidades do discurso religioso, apenas à polêmica.

Todo o discurso religioso é uma realidade de valor teológico, donde uma verdade nesse sistema de compreensão do mundo e de racionalidade, sem que para o compreender o investigador necessite de a entender enquanto verdade cartesiana (PINTO, 2002, p. 84).

A linguagem usada tem, portanto, objetivos bem delimitados para atingir o público. Quando a polêmica da excomunhão estava esgotada, a emissora de Roberto Marinho lançou mão de um último artifício. Em 15/04/2009, o portal apontou a seguinte manchete: *“Arcebispo é premiado por se posicionar contra aborto de menina estuprada”*, em que comunicava o recebimento de um prêmio pela defesa da vida, recebido por Dom José Cardoso Sobrinho e, posteriormente, acompanhada de citação do arcebispo. Ou seja, a maneira que um determinado veículo opta por se comunicar com o público e a linguagem usada por este são fatores que alimentam a pesquisa sobre o modo que a mídia deseja transmitir as notícias aos seus leitores e telespectadores.

Pensando na escolha que a Rede Globo fez, optando pela polêmica das declarações do religioso e quase nulidade na abordagem do crime, esse estudo procurou outra mídia em que o bispo também foi protagonista para mostrar que tipo de perguntas poderiam ter sido feitas a ele ou quais outras abordagens poderiam ter sido exploradas ao invés das repetitivas falas sobre a excomunhão dos envolvidos no aborto.

Na revista semanal *Veja*, de 18 de março de 2009, Dom José Cardoso Sobrinho foi o personagem entrevistado na seção páginas amarelas. Algumas perguntas: “O que a Igreja e o senhor pessoalmente ofereceram à menina, em matéria de apoio material e espiritual, caso não fizesse o aborto?”, “Por que estupradores não são também automaticamente excomungados?”, “O senhor sabe como era a vida da menina dentro da casa onde ocorriam os estupros?”.

Na observação de outro veículo de comunicação podemos identificar alternativas para tratar o caso sem recorrer exaustivamente à novela “excomunhão” protagonizada pelo arcebispo de Olinda e Recife.

4 TELEJORNAIS DA REDE GLOBO

A Rede Globo de televisão nasceu no dia 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro. Fundada pelo empresário Roberto Marinho, morto em 2003, é hoje a maior rede de televisão da América Latina e, mundialmente, ocupa o quarto lugar com média de audiência de 80 milhões de pessoas diariamente. (LOPES, 2001, p.37).

No início da programação jornalística, a Rede Globo assumiu a linguagem intimista para se comunicar com os telespectadores e pensava em “uma família brasileira reunida na sala de jantar, em torno da televisão”. (GLOBO: 2004, p. 25). Era o início da relação amorosa entre brasileiros e seus aparelhos de televisão. Com o intuito de criar intimidade com o telespectador e levar a este o imediatismo das notícias, a emissora criou um vínculo quase que indissolúvel e de muita fidelidade com seu público.

Ao construir uma idéia de acontecimento unívoco e cada vez mais demarcado pela idéia de atualização permanente, o telejornalismo instaurava uma nova temporalidade que emergia na cena cotidiana. O telespectador passa a partir daí a esperar, todos os dias à mesma hora, as imagens do que acontecia no Brasil e no mundo (SABOGA: 1994, p. 42).

A emissora faz parte do grupo empresarial das Organizações Globo com sede na capital fluminense e, depois da morte de seu idealizador, é dirigida por seus filhos João Roberto Marinho e Roberto Irineu.

Além das telenovelas, outro carro-chefe da emissora são os telejornais. Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo veiculam as principais notícias do dia no Brasil e no mundo. A seguir, um pequeno histórico dos noticiários estudados e o perfil noticioso de cada um deles, de acordo com o endereço eletrônico da emissora acessado no mês de maio de 2009.

- **Bom Dia Brasil:** Criado em três de janeiro de 1983 e apresentado pelo jornalista Carlos Monforte, o telejornal matutino possuía meia hora de duração além de ser apresentado direto de Brasília e, como define a própria emissora, foi criado para ser um jornal formador de idéias e opiniões. Desde sua estreia até hoje, o jornal permanece com o foco no cenário econômico e político, mas, a partir de 1996, passa

a ser apresentado do Rio de Janeiro, aumenta em meia hora sua duração e conta com análises quase diárias dos comentaristas Alexandre Garcia e Miriam Leitão. Dividem a bancada Renato Machado e Renata Vasconcellos.

- **Jornal Nacional:** Em primeiro de setembro de 1969, quatro anos após o início da emissora, vai ao ar a primeira edição do Jornal Nacional. Hilton Gomes e Cid Moreira comandam este primeiro momento. A partir de 1972, Sérgio Chapelin e Cid Moreira formam uma dupla marcante na bancada do telejornal e que dura 11 anos consecutivos. No ano 2000, a apresentação passa dos estúdios para dentro da redação e tenta promover maior intimidade com o telespectador. Este ano, o telejornal comemora 40 anos de existência e é um dos principais noticiários da televisão brasileira, apresentado por Fátima Bernardes e William Bonner há quase 11 anos. Audiência média 50 milhões de telespectadores. (HERZ: 1987, p. 22)

- **Jornal da Globo:** O telejornal noturno da Rede Globo teve sua primeira edição no ar em dois de abril de 1979 e era apresentado por Sérgio Chapelin. A principal característica deste jornal na estreia era um noticiário com muitas análises, grandes reportagens, séries e entrevistas de estúdio, conforme definição da emissora. Além do apresentador, participavam do Jornal da Globo repórteres especiais, analistas e entrevistadores. Desde maio de 2005, a bancada foi assumida por William Waack e Christiane Pelajo, além dos comentaristas fixos, Carlos Alberto Sardenberg e Arnaldo Jabor que trazem as opiniões sobre os acontecimentos noticiados e permanece com as reportagens especiais, objetivo desde o começo do telejornal.

A emissora não divulgou os índices de audiência dos telejornais alegando via correio eletrônico “que esta informação é de uso exclusivo da emissora, interessando somente aos produtores e diretores dos respectivos telejornais”.

5 AS FONTES NOS TELEJORNAIS E O BISPO COMO PROTAGONISTA

As reportagens pesquisadas por este estudo visam atender a dois objetivos. O primeiro é o de analisar o espaço dado a cada uma das fontes mostradas nas reportagens através da observação da contagem do tempo das matérias selecionadas. O segundo é avaliar como as fontes de informação selecionadas conduzem a abordagem do tema, particularmente como o bispo se tornou protagonista do assunto.

Por ordem cronológica, seguem a amostragem definida com o texto lido pelo apresentador (conhecido como “cabeça”, no jargão jornalístico) e os dados das fontes utilizadas.

5.1 Jornal Nacional

Data: 05/03/2009; Tempo de duração: 2min19:

Cabeça: “O arcebispo de Olinda e Recife Dom José Cardoso Sobrinho excomungou todas as pessoas que participaram do aborto a que foi submetido uma menina de nove anos ontem no Recife. A criança tinha engravidado de gêmeos depois de violentada pelo padrasto que está preso no agreste pernambucano. A legislação brasileira permite o aborto em casos de estupro de acordo com avaliação médica e a gestação da menina foi considerada de alto risco, mas o arcebispo discorda”.

Entrevistados: Dom José Cardoso Sobrinho (durante 30 segundos); Sérgio Cabral (diretor-médico do hospital, durante 25 segundos); Carla Batista (educadora da ONG SOS corpo, durante 25 segundos).

5.2 Jornal Nacional

Data: 06/03/2009; Tempo de duração: 03m00:

Cabeça: O Vaticano e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil declararam apoio à excomunhão das pessoas envolvidas no aborto a que foi submetida uma menina de nove anos no Recife. Ela engravidou de gêmeos depois de ser violentada pelo padrasto, mas o estupro não foi punido pela Igreja.

Entrevistados: Rivaldo Albuquerque (médico “excomungado”, durante 16 segundos); Dom José Cardoso Sobrinho (durante 44 segundos); Presidente Lula (durante 22 segundos).

5.3 Jornal Nacional

Data: 07/03/2009; Tempo de duração: 02m33:

Cabeça: O caso da menina de nove anos estuprada pelo padrasto em Pernambuco teve hoje mais um capítulo. Veja a reportagem de Beatriz Castro.

Entrevistados: Dom Antônio Muniz (presidente da CNBB/Nordeste, fala durante 8 segundos); Dom José Cardoso Sobrinho (durante 30 segundos); Dom Geraldo Majella (Cardeal Primaz do Brasil, durante 14 segundos); médico da equipe que realizou o aborto, Olímpio de Moraes (durante 16 segundos).

5.4 Bom dia Brasil

Data: 06/03/2009; Tempo de duração: 01m51:

Cabeça: O ministro da saúde José Gomes Temporão considerou lamentáveis as declarações do arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, ele voltou a comentar o caso da menina de nove anos vítima de estupro que abortou em uma maternidade de Pernambuco.

Entrevistados: Dom José Cardoso Sobrinho (fala durante 30 segundos); José Gomes Temporão (Ministro da Saúde, fala durante 19 segundos).

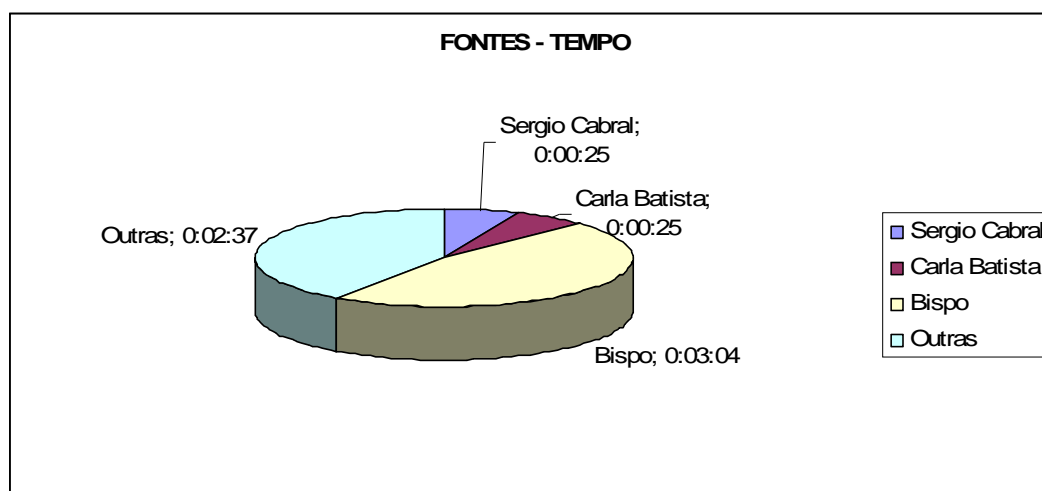
5.5 Jornal da Globo

Data: 06/03/2009; Tempo de duração: 04m20:

Cabeça: O arcebispo de Olinda e Recife disse hoje que o homem que estuprou uma menina de nove anos em Pernambuco não está entre os excomungados. Dom José Cardoso Sobrinho explicou que na visão dele o estupro não é tão grave quanto o aborto.

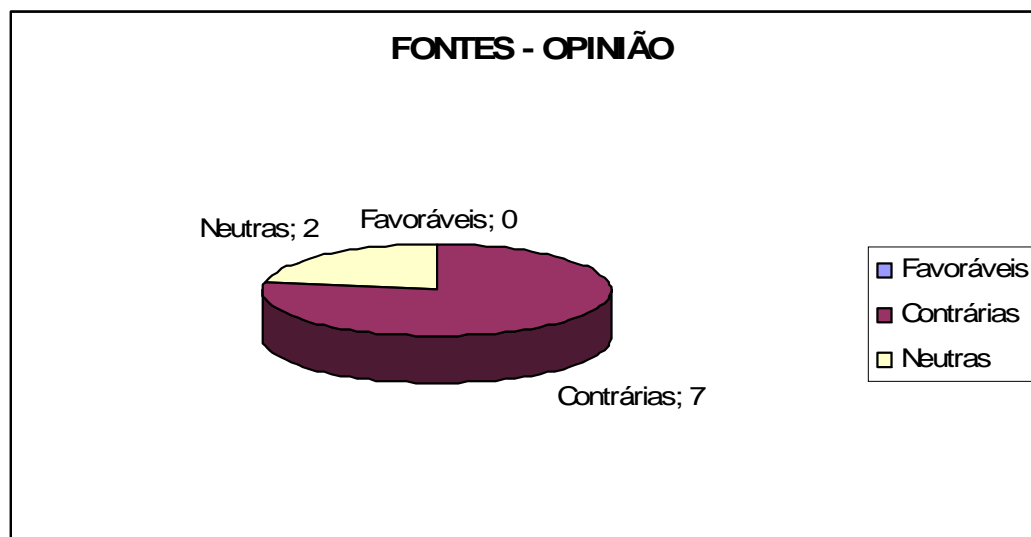
Entrevistados: André Longo (Conselho Regional de Medicina de PE, durante 13 segundos); Dom Antônio Muniz (Presidente da CNBB/ Nordeste, durante 14 segundos); Dom José Cardoso Sobrinho (durante 50 segundos); Rivaldo Albuquerque (médico, durante 16 segundos); Presidente Lula (durante 19 segundos) A correspondente da Itália, Ilze Scamparini, faz uma colaboração de 50 segundos para a matéria com informações sobre a repercussão do assunto no Vaticano.

Com base nessas informações, é possível contabilizar que a principal fonte utilizada nas reportagens selecionadas foi o bispo Dom José Cardoso Sobrinho. Ele ocupa três minutos e quatro segundos nas reportagens. As fontes que mais aparecem depois dele são o médico-diretor do hospital onde a menor fez o aborto, Sérgio Cabral e a diretora da organização não governamental SOS Corpo, ambos com 25 segundos.



Fonte: Adaptado do <http://g1.globo.com>

Com relação à abordagem das reportagens, é possível também identificar que a maior parte das fontes tem idéia contrária a do Bispo. Das nove fontes ouvidas, nenhuma delas mostra posição favorável, enquanto que duas são neutras e sete são contrárias à medida demonstrada por ele.



Fonte: Adaptado do <http://g1.globo.com>

A cobertura dos telejornais da Rede Globo demonstra uma priorização de fontes contrárias, o que traduz em repercussão crítica aos dogmas da igreja, além de abrir grande espaço para o bispo anunciar e explicar a excomunhão, dando margem à polêmica e minimizando as causas e desdobramentos do crime de estupro contra uma menor.

6 CONCLUSÃO

A iniciativa de fazer um trabalho que abordasse o tratamento que a mídia televisiva brasileira dá para as notícias foi bastante proveitosa. Pesquisar as estratégias que a Rede Globo (emissora pesquisada) obteve como recurso para priorizar um aspecto do fato (excomunhão) em detrimento de outro (estupro) serviu como meu estudo para maior aprofundamento nos meios de comunicação.

Entretanto, quando optei pelo tema não imaginei suas origens e, menos ainda, suas teorias, mas me vi cercada por assuntos como teoria do agendamento e as funções do profissional de *gatekeeper*. A percepção de que as matérias veiculadas são inteiramente cercadas de recursos como os citados acima traz uma maior clareza para o entendimento da profissão de jornalismo e a maneira como estes profissionais atuam.

A teoria do agendamento muito se aplica no caso do estupro em Alagoinha. É questionável observar o que é interesse público e interesse do público, entender e tentar explicar aos interessados nessa pesquisa com qual objetivo e relevância um bispo é constantemente chamado a dizer através de uma poderosa emissora sua posição conservadora e polêmica.

De outra maneira, o estudo visitou conceitos sobre o profissional que realiza a seleção de notícias e que define o que deve ou não ser abordado pela imprensa, o “porteiro” ou *gatekeeper*. O que moveu o aprofundamento desta teoria foram inquietações ao perceber o pouco espaço dado na mídia eletrônica ao estupro de uma menor e o enorme circo criado por uma declaração eclesiástica. Não havia dúvida de que a priorização havia sido feito, a escolha pelo escândalo estava decidida, restava apenas estudar a teoria detalhadamente para descobrir os métodos nos quais o profissional de *gatekeeper* se baseava. E eles estão nesta pesquisa, no capítulo de referência.

Infelizmente, a história contada por este estudo passaria despercebida à população brasileira não fosse a abertura que a imprensa brasileira acha por bem fornecer para a polemização de determinados assuntos.

O método utilizado para provar a premissa desta pesquisa foi bem aproveitado e cumpriu o objetivo estabelecido. O portal consultado (www.globo.com) disponibiliza os vídeos de matérias veiculadas em seus telejornais. Com o estudo da filosofia do jornalismo, restou a mim, como estudiosa, colocar a teoria em prática.

Os vídeos foram assistidos diversas vezes para que nenhum aspecto fosse esquecido. O tempo de fala de cada uma das fontes citadas nas reportagens e o respectivo conteúdo destas rendeu dois gráficos que ajudaram a comprovar a idéia que motivou o estudo. Além de claramente priorizar a polêmica da excomunhão e fazer disso assunto para dias, a Rede Globo de televisão conseguiu através de poderosa estratégia questionar os dogmas da Igreja Católica. O gráfico que mostra a tendência opinativa de cada fonte ouvida pelas matérias comprova isso. Se tivermos uma reportagem em que são ouvidas três fontes contrárias e somente uma a favor do assunto veiculado, intencionalmente, uma opinião pronta é direcionada ao público que assiste aos telejornais.

A experiência de contagem da minutagem nas matérias dos telejornais, o conhecimento de teorias do jornalismo e a pesquisa de autores que comentam e escrevem sobre os aspectos abordados nesta pesquisa levam a conclusão que na comunicação de massa veiculada no Brasil nada é por acaso. As considerações aqui descritas são o demonstrativo dos resultados obtidos com o estudo de caso.

A intenção desta pesquisa é, também, para que os interessados neste tema, de posse dessas informações, estejam sempre atentos e com o olhar e os ouvidos mais apurados para receber com senso crítico todas as informações oferecidas pelos meios de comunicação de massa de uma maneira geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLANO, César Ricardo Siqueira (org.). **Rede Globo 40anos de poder e hegemonia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CARRILHO, Manuel Maria. **Itinerários de Racionalidade**. Porto: Asa, 1994.

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GLOBO. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

LOPES, Genésio. **O superpoder: o raio x da Rede Globo, um império da ganância e da lucratividade**. São Paulo: Ibrasa, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um produto à venda - Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo, Summus 1988.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: contexto, 2005.

PINTO, Paulo Mendes. Linguagem e Religião: um jogo de racionalidade, de identidade, de fundamentos. **Revista de Estudos da Religião**, N. 4, p. 81-98, 2002.

SABOGA, Hélio; FONTES, Virginia. Escola, televisão e cidadania. **Revista À margem: Revista de ciências humanas**, n. 4, p. 39-50, 1994.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v.1.

WHITE. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: Nelson Traquina. **Teorias do Jornalismo**. Lisboa Vegas. 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.

<http://jornalnacional.globocom\telejornais>

<http://g1.globocom\bomdiabrasil>

<http://g1.globocom\jornaldaglobo>

<http://www.g1.globo.com>